

**O PORTUGUÊS BRASILEIRO  
E AS HIPÓTESES SOBRE SUA ORIGEM<sup>21</sup>**

*Eliane da Rosa (UFRGS)*  
[elianedr19@gmail.com](mailto:elianedr19@gmail.com)

**RESUMO**

De acordo com Diane Larsen-Freeman e Lynne Cameron (2008), as línguas são consideradas sistemas complexos e dinâmicos, que estão continuamente sendo transformados pelo uso. Devido a esta constante evolução e adaptação, as línguas acabam sofrendo processos de variação e mudança linguísticas para suprir as necessidades comunicativas de seus falantes. Desde a sua formação até os dias de hoje, o português brasileiro tem sofrido diversas transformações linguísticas. É importante destacar que este percurso evolutivo acabou despertando o interesse dos pesquisadores em investigar a origem do português brasileiro. Devido a essa busca, três hipóteses (evolucionista, crioulista e da deriva) foram formuladas com o propósito de explicar a formação do português brasileiro. Todavia, na atualidade, somente duas hipóteses (crioulista e da deriva) permanecem suscitando discussões no meio acadêmico em razão de apresentarem bases sólidas para explicar o tema em questão. Diante disso, este artigo tem por objetivo fazer um breve histórico da formação do português brasileiro, assim como descrever e explicar as hipóteses existentes a respeito da origem do mesmo.

**Palavras-chave:** Português brasileiro. Origem. Hipóteses.

**1. Introdução**

As línguas são consideradas sistemas complexos e dinâmicos, que estão continuamente sendo transformados pelo uso (LARSEN-FREEMAN & CAMERON, 2008). Desse modo, por terem uma função fundamentalmente social, as línguas acabam sofrendo processos de variação e mudança linguísticas ao longo do tempo. Apesar de mudarem, as línguas continuam organizadas e oferecendo aos seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados. As mudanças não são rápidas e nem abruptas, mas lentas e graduais, e não causam nenhum prejuízo à estrutura da língua.

Desde a sua formação a partir do português trazido pelos colonizadores no século XVI, o português brasileiro tem sofrido processos de variação e mudança linguísticas no decorrer dos séculos. Este percurso evolutivo tem despertado o interesse dos pesquisadores em investigar a

---

<sup>21</sup> Este artigo é uma adaptação de minha dissertação de mestrado. (ROSA, 2015)

sua origem e a definir que fatores têm contribuído para o seu desenvolvimento. Dessa forma, ao buscar explicações para a formação do português do Brasil, três hipóteses (*evolucionista*, *crioulista*, e da *deriva*) acabaram sendo formuladas pelos estudiosos. Contudo, na atualidade, somente duas dessas hipóteses (*crioulista* e da *deriva*) continuaram suscitando discussões no meio científico por apresentarem bases sólidas para explicar o tema em questão. Diante destes fatos, este artigo tem por objetivo fazer um breve histórico da formação do português brasileiro desde o latim até os dias atuais, assim como descrever e explicar as hipóteses existentes a respeito da origem do mesmo.

## 2. *As origens do português europeu*

A periodização da história da língua portuguesa tem sido definida pelos estudiosos a partir de critérios diferentes, conforme se observa no **Quadro 3** a seguir:

Época	Leite de Vasconcellos	Serafim da Silva Neto	Pilar Vasquez Cuesta	Lindley Cintra
até séc. IX (882)	<i>Pré-histórico</i>	<i>Pré-histórico</i>	<i>Pré-literário</i>	<i>Pré-literário</i>
até 1200 (1214-1216)	<i>Proto-histórico</i>	<i>Proto-histórico</i>		
até 1385-1420	<i>Port. Arcaico</i>	<i>Trovadoresco</i>	<i>Galego-português</i>	<i>Port. Antigo</i>
até 1536-1550		<i>Port. Comum</i>	<i>Port. Pré-clássico</i>	<i>Port. Médio</i>
até séc. XVIII	<i>Port. Moderno</i>	<i>Port. Moderno</i>	<i>Port. Clássico</i>	<i>Port. Clássico</i>
até séc. XX			<i>Port. Moderno</i>	<i>Port. Moderno</i>

**Quadro 3. Periodização da História da Língua Portuguesa (CASTRO, 2011, p. 73)**

Apesar de os linguistas e historiadores da língua portuguesa divergirem entre si quanto à periodização da história do português, todos concordam que o português se originou do latim, língua esta que era falada na região do Lácio, situada no centro da Península Itálica.

A língua latina pertence à família das línguas indo-europeias, as quais procedem do protoindo-europeu, considerado o ancestral de todas as línguas indo-europeias. O latim era formado por um conjunto de dialetos, cujas variedades principais eram o *latim clássico* ou *literário* e o *latim vulgar* ou *coloquial*.

O *latim vulgar*, na essência, não era diferente do *latim litterario*, ou latim propriamente dito: o que não quer dizer que os escritores escrevessem exatamente a língua do povo. Deve entender-se que em todas as nações onde se cultivam as letras, as pessoas cultas podem servir-se de expressões, distinguir sons, e usar vocabulos, diversos dos das pessoas incultas. (VASCONCEL-

Em torno do século III a.C., os romanos conquistaram toda a Península Itálica e devido a esse domínio político e cultural, o latim acabou tornando-se a língua oficial daquela região. Em consequência disso, todas as línguas faladas neste território, como o etrusco, o sabélico, o volsco, o osco e o umbro (COELHO, 1868), foram desaparecendo gradativamente. Da maioria delas só restaram vagas e duvidosas informações, com exceção do celta e do grego que deixaram vestígios linguísticos (CÂMARA JR, 1975). Embora tenham aumentado seus domínios territoriais, os romanos partiram para novas expansões político-militares. A próxima conquista viria a ser a Península Ibérica<sup>22</sup>.

Antes da chegada dos romanos ao território ibérico, este já havia sido habitado por diferentes povos. “Muito pouco se sabe das antigas populações ibéricas. No início da romanização habitava a Península uma complexa mistura racial: celtas, iberos, púnicos-fenícios, lígures, gregos e outros grupos mal identificados”. (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 13)

As terras férteis e as grandes riquezas minerais da Hispânia despertavam a cobiça de diversos povos a ponto de atraí-los para a região (CASTRO, 1991; COUTINHO, 1976; LEÃO, 1606; VASCONCELLOS, 1923). Na disputa entre gregos e cartagineses<sup>23</sup> pela posse desse território, os últimos venceram os primeiros e, com isso, estabeleceram colônias ao longo da costa meridional da península. Porém, os gregos não desistiram e, mesmo com a presença dos fenícios, conseguiram fundar algumas colônias ao sul. Até os celtas, vindos da região da Alemanha, se estabeleceram na região da Gália e nas regiões altas do centro de Portugal. Os romanos, ao perceberem que os cartagineses estavam aumentando suas expansões territoriais, decidiram tomar posse destas terras.

Os romanos desembarcaram na Península no ano 218 a.C. A sua chegada constitui um dos episódios da Segunda Guerra Púnica. Dão cabo dos cartagineses no ano de 209 e empreendem, então, a conquista do país. Todos os povos da Península, com exceção dos bascos, adotam o latim como língua e, mais tarde, todos abraçarão o cristianismo. (TEYSSIER, 2014, p. 03)

---

<sup>22</sup> Também chamada de Hispânia ou Lusitânia.

<sup>23</sup> Povo descendente dos fenícios que receberam esse nome por terem fundado a cidade de Cartago, na região da Tunísia (África) em 814 a.C. O nome *Guerras Púnicas* vem do termo que os romanos usavam para se referir aos cartagineses: “*púnicos*” provém do grego “*phoinicoi*” que quer dizer “*fenícios*”. (ILARI, 1999)

A romanização da Península Ibérica começou nas cidades mais povoadas, depois, nas aldeias e, por fim, nos campos. Com o passar do tempo e com a convivência com os romanos, o povo da Península começou a admirar os conquistadores pela sua força e civilidade e, como resultado, os habitantes nativos acabaram adotando a língua e os costumes romanos.

O traço mais nítido e saliente do estrangeiro é a língua, ou o modo de exprimir-se num idioma que não é o seu. Por esse motivo, nas cidades, a cobiçada cidadania romana acarretava a necessidade de falar a língua latina com a perfeição requerida. O latim era meio de ascensão e distinção social. Por isso, o mais perfeito veículo de assimilação, o que, de certo modo, resumia e completava os outros, era a escola [...]. Ao sair dela, o jovem estava inteiramente assimilado: adquirira a mentalidade de um Romano. (SILVA NETO, 1992, p. 80)

Apesar desta geral romanização, houve um povo, o basco<sup>24</sup>, que se recusou a adotar o latim como língua oficial, mantendo a comunicação em seu idioma local.

Em meados do século II d.C., devido às vastas expansões territoriais, o poder político-militar dos romanos foi se descentralizado gradativamente a ponto de culminar na queda do Império Romano. Em virtude disso, a Península Ibérica acabou se tornando vulnerável às invasões estrangeiras. Até que no século V, os povos germânicos<sup>25</sup> invadiram a Hispânia. Mesmo com a ocupação germânica, a língua latina continuou sendo utilizada pelos nativos, fazendo com que os invasores acabassem se rendendo à cultura e à língua romana.

Como consequência das influências das línguas germânicas, o latim vulgar acabou sofrendo transformações que resultaram na formação de um novo conjunto de dialetos, chamado romance. No que se refere ao latim clássico, este quase foi extinto em razão de as escolas terem sido destruídas pelos bárbaros<sup>26</sup>, que viam na educação intelectual “a causa principal da efeminação em que vivia os romanos” (COELHO, 1868, p. 22). Em outras palavras, eles temiam que seus filhos se tornassem pessoas reprimidas e submissas devido à rigidez dos pedagogos e, por causa

---

<sup>24</sup> De acordo com Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1975, p. 18), na atualidade, “o basco permanece em seu âmbito regional, como um enclave entre o espanhol ao sul e o francês ao norte”.

<sup>25</sup> Dentre os invasores estavam os vândalos, suevos, alanos e visigodos.

<sup>26</sup> Forma pela qual eram chamados os povos germânicos.

disso, tivessem medo de lutar nas guerras. Apesar disso, o latim clássico conseguiu sobreviver, permanecendo restrito ao âmbito dos mosteiros.

No século VIII, sob a motivação da guerra santa, os árabes partiram em busca das terras férteis da Lusitânia. Após várias tentativas, no século VIII, estes povos conseguiram invadir o território ibérico, acabando, desse modo, com o domínio germânico. Dentre os conquistadores, estavam os árabes, os sírios e os berberes, que eram chamados de mouros pelos nativos da Península. De acordo com José Leite de Vasconcellos (1959), o domínio dos árabes foi mais intenso no Sul do que no Norte de Portugal.

Por ser a civilização árabe superior culturalmente em relação à ibérica, esta acabou deslumbrada a ponto de adotar a língua e os costumes árabes, quase deixando de lado a própria língua, o romance. Porém nem todos os povos da região se renderam ao domínio dos árabes. Um grupo de cristãos rebeldes fugiu para as terras altas do norte da Península e, com o apoio do papa, organizou cruzadas com o objetivo de libertar o território ibérico do poder dos mouros. A população cristã do norte estava dividida em reinos distintos, cujos principais eram o de Leão, o de Castela e o de Aragão.

Com relação ao latim clássico, a esta altura, já havia se transformado em latim bárbaro, uma mistura de formas latinas com formas romances, muito utilizado em documentos, testamentos, contratos etc. Ao passo que o latim vulgar havia se transformado em romance moçárabe por causa das influências dos dialetos árabes. Nesta mesma época, os romances falados no norte se misturaram ao galego da Galícia e ao português de Portugal, formando o galego-português.

Durante a Reconquista Cristã, no século XII, o condado de Portugal separou-se do reino de Leão e da região da Galícia para tornar-se um reino independente. Em consequência disso, Portugal foi aos poucos expandindo seus domínios em direção ao sul da Península Ibérica, e levando consigo o galego-português, que passou a ser adotado tanto na escrita quanto na fala.

Os territórios retomados aos “mouros” estavam frequentemente despovoados. Os soberanos cristãos “repopoavam” esses territórios e entre os novos habitantes havia em geral uma forte proporção de povos vindos do norte. Foi assim que o galego-português recobriu, pouco a pouco, toda a parte central e meridional do território português [...]. Adotada pelos moçárabes do país, por todos os elementos alógenos participantes do repovoamento, assim como pelos muçulmanos que aí haviam ficado, esta língua galego-portuguesa do Norte

vai sofrer uma evolução gradativa e transformar-se no português. (TEYSSIER, 2014, p. 07)

Assim, em meados do século XIV, em virtude do distanciamento da região da Galícia e em decorrência dos contatos linguísticos com os dialetos moçárabes, o galego-português foi aos poucos se transformando em uma nova língua, que, mais tarde, viria a ser chamada de português. Com o crescimento político, econômico e cultural de Portugal, a língua portuguesa passou a ser considerada a língua oficial do território lusitano. Segundo Ismael de Lima Coutinho (1976, p. 55), “dada a independência política de Portugal, deveria necessariamente resultar, o que de feito resultou, – a diferenciação entre o português e o galego”.

Com o crescente desenvolvimento, Portugal começou a expandir seus domínios e a conquistar novos territórios além-mar. Dentre as novas anexações estavam os arquipélagos da Madeira e dos Açores, regiões da África, da Ásia, da Oceania, e da América (Brasil). Nesta mesma época, começaram a surgir as primeiras instituições importantes como os mosteiros de Alcobaça e o de Santa Cruz de Coimbra e a Universidade em Lisboa (1288 ou 1290), a qual foi transferida de Lisboa para Coimbra, depois novamente para Lisboa e, por fim, retornou a Coimbra em 1537. Em decorrência desses fatos, o eixo Lisboa-Coimbra acabou tornando-se o centro do domínio da língua portuguesa (TEYSSIER, 2014). Para Paul Teyssier (2014), foi nesta região, no século XV, que a língua portuguesa moderna começou a se constituir conforme a conhecemos hoje. Mais tarde, com o advento do *Renascimento*<sup>27</sup>, a língua portuguesa passou a sofrer influências do latim e do grego devido à preocupação dos estudiosos da época em tentar aperfeiçoar o português com base nas estruturas linguísticas das línguas clássicas.

Entre os séculos XV e XVII, a língua portuguesa passou a sofrer influências do espanhol por causa dos matrimônios realizados entre os membros da nobreza portuguesa e da espanhola. Nesse período, era comum os habitantes lusitanos se comunicarem tanto em português quanto em espanhol. No entanto, após o ano de 1640 quando o rei D. João IV subiu ao trono, esse bilinguismo foi abandonado em favor do português.

---

<sup>27</sup> Este movimento cultural e intelectual, que se expandiu por toda a Europa, teve sua origem na Itália do século XIV, perdurando até o século XVI. Este movimento, inspirado nos antigos valores greco-romanos, tinha como objetivo principal romper com os valores e as tradições medievais, ou seja, o centro de tudo se deslocava do *divino* para o *humano*.

No século XVIII, o francês passou a ser a segunda língua no território português, porque a França, naquele momento, era o centro de grande movimento intelectual e de revolução política. Contudo não se tratava de um bilinguismo propriamente dito (TEYSSIER, 2014), a língua francesa era uma espécie de veículo de acesso às informações em diversas áreas do saber, das artes e da política (ALI, 1921). Todavia, cabe ressaltar que apesar dessa influência francesa, o português europeu já havia se consolidado como língua nacional a partir do século XVI a ponto de tornar-se objeto de estudo, modelo linguístico e de manifestação cultural e social. Como era de se esperar, o português de Portugal acabou transformando-se em um instrumento de comunicação para outros povos e outras culturas em virtude de ser falado por milhões de pessoas em diversos pontos do mundo (CARDEIRA, 2006). Segundo Esperança Cardeira (2006, p. 86): “Embora diversificada, a língua portuguesa caracteriza-se pela sua unidade: um falante do Sul não tem dificuldade em entender um falante do Norte ou das ilhas”. Ou seja, o português europeu não sofreu transformações linguísticas tão drásticas com o passar do tempo.

### **3. As origens do português brasileiro**

Em torno do século XVI, no Brasil, uma nova língua surgia a partir do português trazido pelos colonizadores: o português brasileiro. Apesar de Pedro Álvares Cabral ter chegado ao Brasil em 1500, a colonização portuguesa só se iniciou oficialmente a partir do ano de 1532. Esses colonizadores eram provenientes de todas as regiões de Portugal.

Como o Brasil já era habitado por povos indígenas<sup>28</sup>, a convivência linguística entre portugueses e indígenas acabou resultando num processo de bilinguismo (CÂMARA JR, 1975; TEYSSIER, 2014) que perdurou até o século XVII. Mais tarde, com o alto índice de tráfico de negros, o português passou a sofrer influências dos dialetos trazidos pelos africanos<sup>29</sup>. (CÂMARA JR, 1975)

Parece que, desde muito cedo, a sua integração na sociedade branca, com estreitas relações com ela na qualidade de escravos ligados a todas as suas

---

<sup>28</sup> Dentre esses povos indígenas, destacam-se as tribos do tupi, do jê, do aruaque e do caribe, e outras menores como as do pano, macu, tucano, catuquina e guaicura. (CÂMARA JR, 1975)

<sup>29</sup> Dentre esses dialetos destacam-se os das tribos banto, das não banto e das ioruba. (CÂMARA JR, 1975)

principais atividades, propiciou o desenvolvimento de um português crioulo, que uniu entre si os negros das mais diversas proveniências. Também tudo indica que se adaptaram com relativa facilidade ao uso da língua geral indígena, dando-lhe ainda mais estímulo e expansão. (CÂMARA JR, 1975, p. 30-31)

Porém, com o aumento da chegada de novos portugueses e da consequente urbanização, o tupi deixou de ser falado e o português passou a ser a língua predominante.

Apesar dos choques culturais entre portugueses, índios e africanos, o convívio linguístico entre seus dialetos acabou culminando na formação do português brasileiro. Este, por sua vez, demonstrou ser de uma notável unidade a ponto de anular as peculiaridades regionais europeias, distanciando-se ainda mais do português europeu (SILVA NETO, 1992). Anthony Julius Naro e Maria Marta Pereira Scherre (2007, p. 25) consideram a formação do português brasileiro como “a atração de forças de diversas origens – algumas oriundas da Europa; outras da América; outras, ainda, da África – que, juntas, se reforçaram para produzir o português popular do Brasil”.

Com a fuga da família real portuguesa para o Brasil em 1808, causada pela invasão francesa em Portugal, a língua e a cultura portuguesa passaram a ser mais valorizadas. Além disso, o país começou a crescer econômica e culturalmente diante do mundo. De acordo com Paul Teysier (2014, p. 96), “os 15.000 portugueses que chegam com a Corte contribuem para “relusitanizar” o Rio de Janeiro. Quando D. João VI regressa a Portugal, em 1821, a colônia já está pronta para a independência”.

Após a independência do Brasil, em 1822, os brasileiros passaram a valorizar a cultura francesa, assim como os portugueses em Portugal, porque o francês, naquele momento, era o veículo de transmissão de novas culturas e saberes (ALI, 1921). Também nessa mesma época, novos imigrantes, provenientes de diferentes partes da Europa, começaram a vir para o Brasil. Mais tarde, com a abolição da escravatura, em 1888, a vinda de africanos ao Brasil acabou diminuindo significativamente.

Com a independência do país, o crescimento urbano, o desenvolvimento da imprensa nacional e a valorização da língua brasileira pela literatura, o português brasileiro passou a constituir-se como língua nacional, isto é, em meados do século XX, o português do Brasil tornara-se o modelo linguístico e instrumento de manifestação social e cultural. Conforme relata Esperança Cardeira (2006, p. 99), a partir do século XVIII, o português brasileiro começa a fixar uma nova gramática que acolhe ino-



vações e adquire uma personalidade própria a ponto de distanciá-lo do português de Portugal.

#### **4. Hipóteses sobre a origem do português brasileiro**

Desde a sua formação, o português brasileiro tem sofrido inúmeras transformações linguísticas. Esta trajetória evolutiva da língua despertou e ainda desperta o interesse dos estudiosos, que tentam incessantemente buscar explicações para a origem e as mudanças do português brasileiro em comparação com as do europeu. Como consequência de tais buscas, três hipóteses acabaram sendo formuladas pelos pesquisadores para explicar a formação do português do Brasil. Dentre elas, destacam-se: a *evolucionista*, a *crioulista* e a da *deriva* ou *mudança natural* (CASTILHO, 2010).

A *hipótese evolucionista*, também chamada de *biologismo linguístico*, surgiu em meados do século XIX, sendo muito debatida por influência do sentimento nacionalista irrompido pelo Romantismo e pelo prestígio que a teoria evolucionista de Darwin passara a receber, naquele momento, no meio científico. Para esses linguistas, influenciados pela biologia evolucionista, o fenômeno linguístico era tratado e comparado a um ser biológico que estava sujeito a uma evolução determinística.

Ao adotar os pressupostos darwinianos para explicar a origem da língua portuguesa no Brasil, os estudiosos chegaram à conclusão de que assim como o latim dera origem ao português europeu, este havia originado o português brasileiro. Todavia, com o advento da linguística contemporânea, duas novas teorias surgiram no meio científico: a *hipótese crioulista* e a *hipótese da deriva*, as quais trouxeram novas perspectivas de investigação científica acerca da origem do português brasileiro. Era o início do fracasso da hipótese evolucionista, que acabou sendo abandonada devido à incapacidade de explicar a origem da língua brasileira.

No que se refere à *hipótese crioulista* (também conhecida como *hipótese externalista*), esta considera que o português brasileiro é oriundo das influências das línguas indígenas e africanas. Conforme os adeptos desta teoria, a explicação para as diferenças entre o português europeu e o brasileiro está baseada no fato de o Brasil ser uma nação mestiça. Neste caso, a hipótese é fundamentada numa percepção social da língua, porque os linguistas buscam estudar os processos de contatos linguísticos de portugueses com índios e negros.

Dentre os partidários da hipótese crioulista, cita-se Francisco Adolpho Coelho (1881, p. 30), que afirma que inúmeras particularidades características dos dialetos crioulos repetem-se no português brasileiro. Outros exemplos são Renato de Mendonça (1933) e Jacques Raimundo (1933), os quais declaram que as características que distinguem o português brasileiro do europeu devem-se às influências das línguas africanas. Linguistas como Gregory Riordon Guy (1981, 1989, 2005), John Holman (1987), Alan Baxter e Dante Lucchesi (1999), Dante Lucchesi (2001) e Dante Lucchesi e Mendes (2009) também ressaltam que a língua portuguesa brasileira, mais especificamente as variedades populares, tem uma base africana. Segundo Lucchesi (2001, p. 101):

[...] nos três primeiros séculos da história do Brasil, existem situações potencialmente muito favoráveis à ocorrência de processos de mudanças crioulistantes, através da nativização do português, nos segmentos de mestiços e escravos crioulos, a partir de um modelo defectivo de português adquirido precariamente como língua segunda pelos escravos trazidos de África.

Gregory Riordon Guy afirma que o português brasileiro apresenta certas características linguísticas que também podem ser encontradas nas línguas crioulistadas. Por exemplo, “na morfologia, redução de vários tipos, perda de pronomes átonos; na sintaxe, falta de concordância; na fonologia, redução de codas” (GUY, 2005, p. 22). O pesquisador menciona ainda que, além dos fatos históricos, a falta de concordância no sintagma nominal e no sintagma verbal encontrados no português brasileiro são fatores relevantes para fundamentar sua tese na hipótese crioulista. Apesar das evidências encontradas pelos defensores da referida teoria, outros linguistas rejeitam esta hipótese, alegando que a mesma não é suficiente para explicar o desenvolvimento do português em território brasileiro, e, que, segundo suas pesquisas, há indícios de o português do Brasil ter-se formado a partir de uma deriva ou mudança natural.

De acordo com a *hipótese da deriva* ou *mudança natural* (comumente chamada de *internalista*), o português brasileiro é considerado como oriundo de uma mudança natural, explicada por tendências evolutivas que já haviam se iniciado na Península Ibérica, constituindo, assim, uma deriva ou continuação do português arcaico. Para esses linguistas, foi o português europeu que tomou uma direção diferente da evolução do português arcaico, no decorrer do século XVIII.

O primeiro a formular o conceito de deriva foi Edward Sapir. Baseado em observações e em estudos sobre diferentes línguas, o linguista chegou à conclusão de que toda a língua tem uma deriva, isto é, “lan-

*guage moves down time in a current of its own making. It has a drift*” (SAPIR, 1921, p. 160). Com o advento da Sociolinguística Histórica nas décadas seguintes, diversas pesquisas, realizadas no Brasil, confirmaram que muitos dos processos de mudança, em curso no português brasileiro, têm sua origem em períodos mais antigos na história do português. Ou seja, é possível encontrar vestígios da atuação de determinados fenômenos linguísticos no português arcaico, no romance ibérico e no latim, por exemplo.

Dentre os estudiosos que concordam com a hipótese da deriva, cita-se João Ribeiro, autor de *A língua Nacional* (1933), o qual declara que “muitos dos nossos brasileirismos, e muito da nossa gramática, não passam de arcaísmos preservados na América” (RIBEIRO, 1933, p. 21). Outro exemplo é Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1972), considerado o primeiro a defender a hipótese da deriva ao buscar explicações para a razão estrutural interna no que diz respeito ao uso do pronome *ele* acusativo como objeto direto na expressão *eu vi ele*. Para o linguista, a próclise do pronome *o* ao verbo produz um vocábulo fonético, no qual o pronome é apagado em razão de ter assumido o comportamento de uma vogal átona. Dessa forma, a pronúncia do enunciado *eu o vi* passaria pelas seguintes etapas: *eu [uvi] > eu [vi]*. Conforme Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1972), esse apagamento do pronome conduz o falante a fazer a escolha de outro pronome para preencher a função de objeto direto, que neste caso seria a adoção do pronome *ele*. Como resultado deste processo, o português brasileiro coloquial ou popular passou a apresentar a expressão *eu vi ele*.

Seguindo esta mesma tese da deriva, Serafim da Silva Neto (1992, p. 595) destaca que na constituição do português brasileiro há, desde o século XVI, duas derivas: uma conservadora (que conserva determinados traços do português arcaico trazido pelos colonizadores portugueses) e outra inovadora (que segue o curso evolutivo natural daquela língua). Anthony Julius Naro e Maria Marta Pereira Scherre (2007) e Ataliba Teixeira de Castilhos (2010) também defendem a hipótese internalista, declarando que o português brasileiro pode ser uma continuação do português arcaico trazidos pelos colonizadores portugueses apesar de ter sofrido influências de contatos linguísticos com índios, africanos e com línguas de migração. Para Anthony Julius Naro e Maria Marta Pereira Scherre (2007, p. 17), há:

[...] evidências de que características morfossintáticas e fonológicas do português brasileiro, atualmente envoltas em estigma e preconceito social, são heranças românicas e portuguesas arcaicas e clássicas, e não modificações ad-

vindas das línguas africanas, que vieram para o Brasil com seus povos escravizados e subjugados, ou das línguas dos povos ameríndios, que aqui já se encontravam quando vieram os colonizadores europeus.

Isto quer dizer que o português brasileiro segue uma tendência evolutiva natural, independentemente das influências linguísticas sofridas pelas línguas indígenas e africanas.

Diante do que foi exposto nesta seção, pode-se notar que a *hipótese crioulista* e a *hipótese da deriva* ainda vigoram dentro do meio acadêmico em razão de as mesmas permanecerem apresentando evidências e explicações plausíveis acerca da origem do português brasileiro. Todavia, cabe ressaltar que ambas apresentam lacunas quando negam a existência de uma deriva (por parte dos externalistas) e quando negam que as línguas africanas e indígenas provocaram transformações linguísticas (por parte dos internalistas) na língua do Brasil. Levando em consideração os resultados das pesquisas realizadas desde então, percebe-se que, ao basearem-se somente em uma das hipóteses, os linguistas enfrentam dificuldades para determinar a origem e a atuação de determinados fenômenos linguísticos no português brasileiro. Neste caso, seria aconselhável a união de ambas as hipóteses de modo a possibilitar aos estudiosos encontrar explicações mais satisfatórias e enriquecedoras, porque a forma de análise de uma teoria poderia complementar a forma de análise da outra. Além disso, não é possível negar que o português brasileiro segue uma deriva e que sofreu influências linguísticas das línguas africanas e indígenas em sua formação. As evidências, obtidas através das pesquisas desenvolvidas até o momento, demonstram claramente a continuação de fenômenos que já atuavam no português antigo e arcaico, assim como transformações ocorridas no português brasileiro em decorrência das influências das línguas africanas e indígenas.

## 5. *Considerações finais*

Com base nas pesquisas desenvolvidas até o presente momento, pode-se verificar que, dentre as três hipóteses (*evolucionista*, *crioulista* e *da deriva*) que surgiram sobre a formação do português brasileiro, a *hipótese crioulista* e a *da deriva* ou *mudança natural* são as que permanecem vividas no meio científico. Isto se deve ao fato de estas últimas ainda apresentarem evidências e explicações razoáveis acerca da origem do português do Brasil, diferentemente da teoria evolucionista que não conseguiu sustentar sua teoria em bases sólidas.

Além disso, é interessante mencionar, com base nos resultados das pesquisas realizadas, que em muitos casos uma só teoria não é suficiente para buscar explicações satisfatórias para determinados fenômenos. Diante disso, verifica-se a necessidade da união dos preceitos da *hipótese crioulista* com os da *hipótese da deriva* com o intuito de possibilitar ao pesquisador uma maior flexibilidade na busca por evidências e para esclarecer a origem de determinadas características e da atuação de certos fenômenos linguísticos no português brasileiro. Portanto, pode-se dizer que uma teoria poderia complementar a outra e, dessa maneira, contribuir para o enriquecimento dos estudos no campo da linguística referentes à formação do português brasileiro.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Manuel Said. *Grammatica historica da lingua portugueza*. 2. ed. São Paulo: Companhia de Melhoramentos de São Paulo, 1921.

AZEVEDO, Milton Mariano. *Portuguese: a linguistic introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BAXTER, Alan.; LUCCHESI, Dante. Un paso más hacia la definición del pasado crioulo del dialecto afro-brasileño de Helvécia (Bahia). In: ZIMMERMANN, K. (Org.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Frankfurt Am Main: Vervuert, 1999, p. 119-141.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Ele como um acusativo no português do Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972. p. 47-54.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. 45. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Pa-drão, 1975.

CARDEIRA, Esperança. A pronúncia do português. In: *Actas do Simpósio A Pronúncia do Português Europeu Cantado*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2009. Disponível em: <[http://www.caravelas.com.pt/actas\\_cardeira.pdf](http://www.caravelas.com.pt/actas_cardeira.pdf)>. Acesso em: 23-10-2014.

\_\_\_\_\_. *O essencial sobre a história do português*. Lisboa: Caminho, 2006.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

\_\_\_\_\_. *Introdução à história do português*. 2. ed. Lisboa: Colibri, 2011.

COELHO, Francisco Adolpho. *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America*. Lisboa: Casa da Sociedade de Geografia, 1881.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

GUY, Gregory Riordon. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of phonology, syntax and language history*. 1981. Thesis (PhD). – University of Pennsylvania, Philadelphia.

\_\_\_\_\_. On the nature and origins of popular Brazilian Portuguese. In: *Estudos sobre el Español de América y Linguística Afroamericana*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervom, 1989, p. 227-245.

\_\_\_\_\_. A questão da crioulização no português do Brasil. In: ZILLES, A. M. S. (Org.). *Estudos de variação linguística e no Cone Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 15-38.

HOLM, John. Creole influence on popular Brazilian Portuguese. In: GILBERT, G. (Ed.). *Pidgin and Creole Languages*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1987, p. 406-429.

ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LARSEN-FREEMAN, Diane; CAMERON, Lynne. *Complex systems and applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEÃO, Duarte Nunes de. *Origem da lingua portuguesa*. Lisboa: Impreso por Pedro Crasbeeck, 1606.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). *DELTA*, vol. 17, n. 1, p. 97-130. 2001. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/delta/v17n1/a05v17n1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/delta/v17n1/a05v17n1.pdf)>. Acesso em:

11-09-2014.

\_\_\_\_\_; MENDES, E. P. A flexão de caso dos pronomes pessoais. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009, p. 471-488.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MENDONÇA, Renato de. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Sauer, 1933.

NARO, Anthony Julius. A história do *e* e do *o* em português: um estudo de deriva linguística. In: \_\_\_\_\_. *Estudos diacrônicos*. Trad.: Lais Campos e Katia Elizabeth Santos. Petrópolis: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). *Garimpo das origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: tomo I*. 1. ed. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Jornal do Commercio, 1955.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 8. ed. Lisboa: Clássica, 1975.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica historica*. 9. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1935.

RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RIBEIRO, João. *A lingua nacional*. 2. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1933.

ROSA, Eliane da. *As vogais médias átonas finais no português brasileiro do século XIX: um estudo baseado em fontes de evidência direta e indireta*. 2015. Dissertação (de mestrado). – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre. Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/116628/000965391.pdf?sequence=1>.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

SÁ, Fellipe Franco de. *A língua portuguesa*. Maranhão: Imp. Oficial, 1915.

SAPIR, Edward. *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1921.

SILVA, José Pereira da. Português do século XVI e século XVII. *Organon*, Porto Alegre, n. 44/45, p. 61-73, 2008.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1992[1957].

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português*. 4. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1940.

SOROMENHO, Augusto. *Origem da língua portuguesa*. Lisboa: Typ. de Francisco José da Silva, 1867.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad.: Celso Cunha. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014 [1980].

VASCONCELLOS, José Leite de. *Evolução da linguagem*. Porto: Typographia Occidental, 1886.

\_\_\_\_\_. História da língua portuguesa: origem e vida externa. *Revista Lusitana*, vol. XXV, n. 1-4, p. 5-28, 1923-1925.

\_\_\_\_\_. *Lições de philologia portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de E. M. A. TEIXEIRA & C.<sup>ta</sup>, 1911.

WHITNEY, William Dwight. *Language and the study of language: twelve lectures on the principles of linguistic science*. New York: Charles Scribner & Company, 1867.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro: 2001[1891].